

ANA M. M. SANTOS

Uma Única Palavra

Há uma nítida pacatez nesta aldeia solitária no meio da serra, ora densa pelos pinheiros resistentes, ora despida pelas chamas. Nos dias de chuva, as gotas acumulam-se nas agulhas e pendem de forma delicada como cristais reluzentes de água. Nos dias em que o sol inunda a colina, a caruma estala com o calor, lembrando o crepitar melódico de uma lareira invernal. Mas a aparente calma, conivente com um silêncio coletivo dos aldeões, contrasta com a sombria verdade que queremos esconder do resto do mundo.

O *modus operandi* é meticuloso, executado com a precisão de um crime que pretende ser perfeito. Alguém, ou alguma coisa, ainda desconhecido da polícia, tem vindo a assassinar os habitantes um a um sem deixar qualquer pista que identifique o agressor. Metodicamente, e sob condições climatéricas específicas, as chacinas são realizadas com a mestria congénita de um psicopata, deixando para trás apenas sangue e um bilhete.

Por mais que as autoridades esquadrinhem, o corpo raramente é encontrado, e vinte e quatro horas após o sucedido, o telemóvel da vítima é descoberto no interior de um pequeno caixão à porta do cemitério. Nunca ninguém avistara viva alma que colocasse o esquiife no local indicado. Já se supôs o uso de magia ou de transfiguração. E tal como o infortúnio aparece, também desaparece.

O aparelho toca até ficar sem bateria. É impossível atender a chamada, que surge no ecrã como anónima. Por fim, um dispositivo de faísca é acionado à distância e as chamas consomem o telemóvel em segundos, reduzindo-o a cinzas, lembrando uma combustão espontânea. Do mesmo modo, como um truque de magia ou por milagre, os registos informáticos de qualquer

operadora de telecomunicações que a vítima usasse eclipsam-se logo após o seu desaparecimento.

Tudo isto constitui uma dor de cabeça para a polícia, que não vislumbra qualquer pista para desvendar o mistério. Os frutos das investigações são raros ou quase nulos, e jamais alguém saberá o que ocorre na residência das vítimas, locais que apresentam uma divisão banhada em sangue, gritando a brutalidade que os aldeões sofreram horas antes. Os crimes parecem demasiado magistras para serem executados por alguma criatura terrena, ou por algum dos habitantes da aldeia, a sua maioria com estudos mínimos e uma mente pouco imaginativa.

Nos dias em que o nevoeiro assola a aldeia, a temida maldição chega com ele, de mansinho, abatendo-se sobre o telhado das casas, escolhendo a dedo os que irão perecer. Os pinheiros, imponentes, observam calados. Nem a brisa que os fustiga murmura coisa alguma sobre os casos, e as árvores parecem conspirar ou praticar artes divinatórias sobre a povoação que cercam, para saber quem será a próxima vítima. Os aldeões, num ritual de proteção, aferrolham as portas. Ironia do destino, a vítima sempre se esquece e deixa a entrada da sua moradia só no trinco, ficando vulnerável ao ataque do predador. É então que o desconhecido toma de assalto a habitação. Mais tarde, quando um familiar regressa a casa, depara-se com o sucedido.

Perante a tragédia, há familiares crentes que se refugiam na igreja, pedindo auxílio a um Deus que desacreditam quando o infortúnio lhes bate à porta. Outros estudam livros obscuros às escondidas e recorrem à magia negra para se tentarem defender contra o ignoto. A maioria das vezes, os sacrifícios que julgam de proteção atraem ainda mais desventuras para a vida dos pobres mortais. Porém, o que realmente nos tem devastado é o medo.

A maioria dos habitantes deste lugar, tal como eu e o meu esposo, são afáveis e discretos. Num ambiente de entreatada, é raro haver problemas, apesar da desconfiança aflorar a cada novo crime. Os comportamentos estranhos já foram esquadrihados pela polícia e nada de suspeito foi detetado em cada um de nós. Contudo, ainda há pessoas que me parecem bastante bizarras.

Os olhos da vizinha da moradia ao fundo do bairro e a janela são um só. Desde que o sol raia até que se esconde atrás do pico da montanha, posiciona uma cadeira de balanço à janela mais alta da habitação, senta-se, afasta a cortina e regista tudo o que ocorre na vizinhança num bloco de notas gasto e interminável. Pelo menos, descreve ao pormenor tudo o que consegue ver. O que o olhar não alcança, a coscuvilhice esclarece ou a imaginação, estranhamente fecunda, deduz.

Há, aqui, uma tendência para discriminar os deficientes ou pobres de espírito, apelidando-os de “coitadinhos”, ou inventando uma narrativa mirabolante que nos faça questionar a realidade. Diz-se pela aldeia que o vendedor manco da tabacaria exerce funções ilícitas (na melhor das hipóteses, contrafaz aguardente caseira). Jamais alguém o viu traficar o que quer que seja, e a rusga feita todos os meses em dias e horários aleatórios nunca surte efeito. Porém, é uma certeza que todas as noites o quiosque abre a porta apenas para jovens mais atrevidas que costumam sair de lá ligeiramente afogeadas, com olhar distante e a carteira mais recheada.

Existe um senhor extremamente devoto que passa os dias na sacristia e à noite não sai da igreja. Os aldeões apregoam pelas ruas que ele é casado, em segredo, com o sacristão, e ambos frequentam um clube secreto todas as sextas-feiras. Aí aprimoram, à margem da lei de Deus, as técnicas de sadomasoquismo que mais tarde experimentam em território sagrado, uivando na calada da noite e aterrorizando quem se aproxima do santuário. Apesar de tal blasfêmia, nunca foram vistos juntos a não ser na missa.

O zarolho, desempregado, faz vendas na garagem quase diariamente a fim de ganhar uns trocos. Ao longo dos anos, tornou-se num recoletor compulsivo. Recolhe eletrodomésticos de várias dimensões que se amontoam junto aos caixotes do lixo, mesinhas pernetas e tudo o que possa ser concertado e reutilizado. Na mesma medida, aperfeiçoou-se em pequenos arranjos elétricos, aplicação de estofos e serralharia com os móveis que ia encontrando. Por norma, desfaz-se das tralhas que empilha até ao teto depois de arrançadas. De manhã é visto a vasculhar nos caixotes de lixo e recolhe tudo o que consegue reparar. Até meio da tarde, conserta o que o tempo lhe permite. Só corre a porta da garagem quando o breu se instala e é raro ver viva alma nas ruas.

Há uma senhora com os olhos semicerrados que tem passado pela minha casa frequentemente. É baixa, usa o cabelo encaracolado curto e um xaile esfarrapado que lhe pende dos ombros. Jamais alguém ouviu sair da boca dela uma só palavra. Julgam que ela é muda, mas penso que seja apenas surda. Hoje, descreve de forma sistemática o mesmo percurso. Com um guarda-chuva pendurado num braço e um xaile no outro, desaparece ao virar da curva e, meia hora depois, volta a passar por aqui e sobe a estrada. Alguma coisa a inquieta, só não consigo perceber o quê.

Estou sozinha em casa e entretenho-me a costurar as roupas para o bebé que está a caminho. O meu ventre cresce saudável. O médico que visita a aldeia a cada duas semanas diz que, para uma grávida no meio da gestação, a barriga está bem grande. Antes de saber o sexo do bebé, todos me diziam que ia ter

um rapagão, mas enganaram-se redondamente. Até o teste da agulha falhou, apesar da senhora mais idosa da aldeia afirmar ser de extrema fiabilidade e impossível errar a previsão.

É uma menina e aposto que irá morar para a grande metrópole. Nos últimos anos, os jovens partem cada vez mais cedo para as multidões agitadas, longe do sossego da serra. Já só se satisfazem com o frenético mundo inundado de informação a cada segundo, repleto de tecnologia e conectado entre si a todo o momento. Pelos pontapés que me dá, prevejo que, depois de treino e trabalho árduos, será uma experiente jogadora de futsal, como outrora fui, ou uma brilhante lutadora de *boxe*.

O sol evapora as gotas dos aguaceiros que ficaram presas nas janelas. Lá fora, um arco-íris desenha-se sobre as copas dos pinheiros. As agulhas reluzem numa mistura de água e resina acumulada, como pequenos cristais no meio da vegetação. As tarefas quotidianas da aldeia vão diminuindo à medida que o dia desvanece, deixa de se ouvir o tilintar dos chocalhos do gado, que gradualmente regressa aos currais, e a alegria das poucas crianças que ainda brincam na rua também se acomoda em cada lar.

A noite cai e a bruma abate-se, sorrateira, sobre as residências. A debandada para os trincos começa e ouve-se o ferrolho a ser corrido, casa após casa. O tique-taque compassado do relógio não para e a névoa vai-se adensando. As luzes dos candeeiros de rua não passam de orbes flutuantes e difusas que mal iluminam o caminho de quem ainda não conseguiu adentrar a residência.

Espreito pela janela, inquieta. O meu marido foi ver uns familiares, que se encontram enfermos e não se podem deslocar, numa localidade a uma centena de quilómetros. É um meio rural com casas de xisto onde habitam não mais que uma dúzia de idosos com dificuldades. Saiu pela manhã e ainda não regressou. Fruto da pressa, esqueceu-se das chaves em cima da mesa do *hall* de entrada. Não posso aferrolhar a porta, pois ele não terá como entrar. Deixo-a no trinco e decido esconder-me no compartimento diminuto atrás do guarda-vestidos.

Horas mais tarde, a madrugada está calma e o nevoeiro parece querer dissipar-se. No céu, a lua cheia começa a mostrar-se imponente e ambiciona inundar a serra de uma luz morna, contrastante com o frio gélido de morte que se faz sentir na aldeia. Este reflexo solar teima em penetrar por entre a névoa aos poucos.

Finalmente, o meu esposo chega a casa, exausto. Sobressaltado, depara-se com a porta entreaberta e entra a medo. A luz exterior ilumina ao de leve o *hall* e é difícil enxergar na semiobscuridade. Avança uns passos de forma cautelosa e pisa um papel. Baixa-se para o agarrar e esforça-se para o ler, sem êxito.

Atrás dele, a porta fecha-se de rompante, estremecendo-o. Um olhar semicerrado surge da escuridão por cima do ombro dele. O guarda-chuva é encostado contra a coluna e um xaile esfarrapado roça o chão ao de leve. Uma voz feminina que nunca fora ouvida solta-se para ler o bilhete.

– Cheguei!

NOTA BIOGRÁFICA

Ana M. M. Santos nasceu na Beira Interior em 1990. É licenciada em Cinema (UBI, 2013) e mestre na mesma área (UBI, 2016) com uma dissertação sobre a adaptação cinematográfica do conto tradicional Branca de Neve. Frequenta o doutoramento em Media Artes (UBI, em curso), onde desenvolve a sua pesquisa sobre adaptação de romances de terror à sétima arte, seguindo a linha de investigação do mestrado. Autora de várias comunicações e artigos, trabalha como revisora científica, escreve guiões e contos, e também histórias para crianças. É investigadora colaboradora no centro Labcom.IFP (UBI).